

ALGO SOBRE A POLIGRAFIA DO VISCONDE DE TAUNAY*

Maria Lídia Lichtscheidl MARETTI

RESUMO *A obra do Visconde de Taunay é lida sob o signo da experiência marcante e decisiva da guerra contra o Paraguai, o que teria determinado também a atenção sempre vigilante do escritor sobre outros acontecimentos históricos, que se passaram no período em que viveu. O resultado desse processo é a manifestação do que chamo de “aspectos transitivos da obra”, que denunciam a precariedade da duração, o caráter efêmero de um “olhar em trânsito”. A grande profusão de textos, escritos ou transcritos a partir de sua produção oral, mais ou menos ficcionais, conhecidos do grande público ou quase clandestinos, sugere, de um lado, a construção progressiva de um grande projeto nacional-monarquista, logo frustrado pela história, e, de outro, a constante presença da prodigiosa memória de que Taunay era dotado e que se expressa sob a forma de inúmeras tramas discursivas. A partir desta perspectiva da história cultural, são objeto de meu estudo alguns poemas atribuídos ao escritor mas que não constam de sua obra completa, alguns textos mais propriamente memorialísticos, a descrição como o resultado de um estoque de saberes acumulados, os discursos epidícticos e os parlamentares, e duas comédias que nunca foram encenadas.*

RÉSUMÉ *L'oeuvre du vicomte de Taunay est lue sous la perspective de l'expérience marquante et décisive de la guerre contre le Paraguay, ce qui aurait aussi déterminé la surveillance constante de l'écrivain envers d'autres événements historiques qui ont eu lieu pendant la période où il a vécu. Le résultat de ce processus est la manifestation de ce que j'appelle “les aspects transitifs de l'oeuvre”, qui dénoncent la précarité de la durée, l'aspect éphémère d'un “regard en transit”. La grande quantité de textes, écrits ou transcrits à partir de leur production orale, plus ou moins fictionnels, connus du grand public ou, au contraire, presque clandestins, suggère ou bien la construction progressive d'un grand projet national-monarchiste, bientôt frustré par l'histoire, ou bien la constante présence de la prodigieuse mémoire dont Taunay était doué et qui se manifeste sous la forme de plusieurs trames discursives. À partir de cette perspective de l'histoire culturelle, j'ai considéré comme les objets de mon étude quelques poèmes attribués à l'écrivain, mais qui ne sont pas inclus dans son oeuvre complète, quelques*

* Texto resultante da Tese de Doutorado com o mesmo título, apresentada ao Curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp, no dia 19/12/96, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Foot Hardman.

textes dictés par la memoire, la description en tant que le résultat d'un stock de savoirs accumulés, les discours de louange et les parlementaires, et deux comédies qui ne furent jamais mises en scène.

I - INTRODUÇÃO

O texto de minha tese é dividido em três partes, sendo a primeira formada por um único capítulo, que se detém sobre a biografia e a crítica a propósito de Taunay. O texto que resulta desta primeira preocupação poderia ter sido escrito a partir da seqüência cronológica das publicações do escritor, com as correspondentes manifestações críticas que a elas podem ser relacionadas; contudo, dada a quantidade de informações recolhidas e em vista do risco de elaborar um texto enfadonho - ou muito semelhante a outros já escritos, preferi proceder a um critério diverso, de maneira a perseguir outras linhas de condução de minhas reflexões, ditadas por alguns aspectos biográficos a meu ver decisivos para a compreensão da obra. A segunda parte reúne os capítulos II e III, que procuram analisar o que chamo de “aspectos transitivos da obra de Taunay”. Desprezando a polêmica que atribui a ele o caráter de “escritor de transição entre o romantismo e o realismo”, procuro estudar em outros termos esta transitividade atribuível à sua obra. Neste sentido, detenho-me, no capítulo II, na *idéia de nação* construída sobretudo a partir dos livros *A Retirada da Laguna* e as *Memórias* e, no capítulo III, alguns aspectos mais pontuais dessa transitividade, como os primeiros poemas esquecidos pelo autor e pela crítica, a influência exercida na obra pela condição de estrangeiros ilustres e nobres dos membros de sua família, a possibilidade de reabilitação do seu primeiro romance, *A Mocidade de Trajano*, desde que encarado sob a perspectiva de algumas injunções históricas, e algumas imagens que representariam de forma alegórica a intensidade da transição histórica vivida por ele. A terceira parte abrange os quatro capítulos finais. A idéia de “construção” atribuída ao estilo de Taunay é entrevista a partir da análise dos seus textos memorialísticos, de alguns dos seus inúmeros discursos, da sua habilidade enquanto escritor e de algumas de suas peças teatrais. São perspectivas que conjugam tanto o fato de caracterizarem o escritor sob determinados aspectos - que julgo essenciais e decisivos no processo de sua escritura, quanto o de serem pouco estudadas pela crítica que sobre ele se pronunciou.

II. OS PONTOS DE PARTIDA

Dentre outros fatores de ordem mais nitidamente ideológica, as fronteiras epistemológicas que foram se estabelecendo ao longo do tempo, de maneira a criar áreas de especialização para organizar nossas tentativas de conhecimento do mundo, acabaram por compor uma historiografia, literária ou não, com lacunas que não mais se sustentam e que por isso vêm sendo revistas. Dentro desta perspectiva, a obra do Visconde de Taunay, tal como foi e ainda vem sendo encarada pela crítica e pela historiografia literária brasileira, tem, excluído do seu conjunto, tudo o que não

corresponde aos critérios de valorização e periodização literária de que esta historiografia sempre se valeu: restam apenas *Inocência* e *A Retirada da Laguna* como textos passíveis de atenção e consideração do estudioso. Os numerosos outros textos do escritor são desprezados, como se não tivessem sido escritos, publicados e lidos. A reabilitação é necessária, sobretudo se considerarmos a importância destes textos numa re-construção da *idéia de nação*, básica para a compreensão do século XIX em sua perspectiva cultural. A análise deles, de maneira a ir recompondo a contribuição gradual de Taunay, em várias áreas da esfera pública, revela um percurso de atuação intensa e constante, e que culminou no isolamento, na frustração e numa conseqüente nostalgia de um Brasil imaginado mas não concretizado pela história.

A inscrição do autor na história literária brasileira encontra-se invariavelmente rodeada pelo aspecto polêmico da *transição*: uma das questões que a historiografia não se nega a discutir é aquela das alternativas excludentes entre o escritor romântico ou o realista. Sem pretender decidir a polêmica, o meu estudo amplia os seus termos ao analisar também a contribuição memorialística de Taunay na re-constituição do nacionalismo a partir da guerra contra o Paraguai. Ou seja, a transição, a meu ver, deve ser vista em termos mais amplos, culturais e históricos, e não somente a partir dos critérios restritos com que vinha sendo encarada pela história e pela crítica literária.

III. ASPECTOS MAIS PONTUAIS DA ANÁLISE

A experiência do soldado-viajante como narrador-viajante, a partir da qual a viagem, a sua interrupção e o desvio são vistos como funções estruturantes da narrativa, levam à percepção da viagem como a experiência fundante de algumas narrativas. A experiência do soldado-viajante se transfigura em ação do narrador-viajante, o que pode ser encarado sob diferentes aspectos nos vários textos que daí se originaram. A continuidade, a interrupção e o desvio determinam posturas diferenciadas nos textos, que podem ser caracterizados, se considerados certos “extremos”, pelos minuciosos relatórios técnicos (essencialmente contínuos) até as grandes narrativas literárias (introduzidas pelos desvios), passando pelas pequenas narrativas esparsas, que compõem com grande freqüência nos momentos de interrupção real ou imaginada. Além disso, a categoria da *transição* é também aqui determinante, principalmente se considerada em sua dupla condição espaço-temporal. Emblemáticos dessa tendência são, por exemplo, os “mapas narrativos” que freqüentam certos relatos de viagem e que, sobre a abstração convencional de pontos e linhas contínuas que demarcam fronteiras, trazem em acréscimo o *em-trânsito* pontilhado e cronologicamente marcado do movimento espacial de uma história da guerra.

Aliada a esta tendência, encontra-se uma outra que chamo de *virtuosismo descritivo*. Dado que o escritor é tradicionalmente considerado como um *virtuoso* da descrição, as páginas antológicas que escreveu são constantemente lembradas e freqüentam manuais de literatura, cujo intuito é o de divulgar trechos significativos dos autores mencionados. No caso de Taunay, a seleção se baseia nos fundamentos retóricos da exemplaridade; algo como: *é-assim-que-se-descreve*. Para além desta constatação, no

entanto, é possível pensar no que essa tendência representa em termos de postura enunciativa. Ou seja, o que ela revela de apelo à memorização, de arquivamento de dados, de hierarquia. Ou ainda, o que ela traduz enquanto concepção de língua: a da língua como nomenclatura, com funções de denominação e de designação do mundo. Como lembra Philippe Hamon, “uma língua monopolizada por sua função referencial de etiquetagem de um mundo ele mesmo ‘discreto’, recortado em ‘unidades’.”¹ E daí, a possibilidade de concluir sobre a tendência enciclopedista do viajante-a-(re)descobrir-o-Brasil, mais ou menos clara, dependendo do seu lugar textual e do gênero do texto em que se manifesta.

A memória de Taunay é abordada a partir dos recursos mnemônicos através dos quais ela se constrói. Da infinidade de registros, escritos ou desenhados, tomados *in loco* ou *a posteriori* - e que compõem o arquivo pessoal do escritor, pode-se destacar o papel da *imagem* como o recurso básico para essa construção. Daí advém a importância da descrição neste trabalho de “transcrição do mundo”. A família, em meio às outras instituições de que foi membro, atua no sentido de garantir uma linha de continuidade que se projeta no tempo, para além da ruptura da ordem imperial. Afora esses aspectos, é possível discutir também a contradição entre o método mnemônico e o processo rememorativo, o que é percebido nos movimentos erráticos da narrativa, cuja estruturação não corresponde aos critérios de abrangência, linearidade e imparcialidade, propostos no delineamento idealizado do método. Trata-se de um movimento em que se percebe o lastro idealizante de um iluminismo-enciclopédico, defrontando-se com as contingências reais da escritura face às instigações da memória.

Estudo também nessa obra o que chamo de *figurações de um Brasil-em-transição*. São duas imagens “colhidas” durante a viagem a Mato Grosso cujo potencial representativo é visto como uma construção alegórica da transição.

À imagem composta a partir da contemplação da larva do inseto *formica leo* chamo de *imagem de ida*, por ter-se originado na viagem de ida à guerra contra o Paraguai. Ela aparece no trecho em que o narrador se encontra em um dos muitos e angustiantes momentos de parada, e de inatividade quase completa, da viagem da coluna expedicionária a caminho de Mato Grosso. São momentos em que inquietações de ordem existencial o sobressaltam e desanimam: “Que horas longas! Que dias intermináveis! Que pensamentos tão sombrios e todos convergindo para uma solução única - a morte.”² É entre o desenhar de um ou outro peixe da região em seu *Álbum de vistas*, desempenhando uma atividade típica dos viajantes tradicionais, que o narrador observa o “curiosíssimo trabalho do inseto *formica leo*” em sua luta pela sobrevivência.

A reprodução das fases sucessivas do trabalho do inseto é *minuciosa* e reveladora da admiração do observador frente à eficiência constatada. Em seu estado *larvar*, o inseto tem sua *locomção dificultada* pelo tipo de constituição física, o que lhe traz *problemas de subsistência*, acentuados pelo voraz apetite, “peculiar ao seu estado de

¹ HAMON, Philippe - *Introduction à l'analyse du descriptif*. Paris, Hachette, 1981, p. 6.

² TAUNAY, Visconde de - *Memórias*. Rio de Janeiro, Instituto Progresso Editorial, 1948, p. 201.

transição”. Diante disso, a larva “se vê obrigada a recorrer à mais engenhosa e bem concebida das armadilhas, de feição para assim dizer científica.”³

As intensas semelhanças entre esta descrição da larva e o estado da coluna expedicionária parecem não ser meras coincidências: a identificação de base alegórica quase que se impõe ao leitor. Tanto é que, a partir daí, o observador se põe a relatar passo-a-passo a construção da armadilha e a execução das presas, e utiliza-se de um vocabulário e de expressões técnicas e tático-estratégicas, bélicas mesmo, que dizem mais dele enquanto *engenheiro militar* do que propriamente do inseto descrito: “*rigorismo geométrico*”, “*movimento balístico*”, “*circulozinhos concêntricos*”, “*máquina de guerra*” são algumas das que mais evidenciam os olhares contrapostos de *engenheiro militar* e *expedicionário naturalista* que se manifestam em Taunay.

O sucesso da armadilha, fruto da eficiência com que o potencial *natural* é acionado, é motivo de admiração e atenção do narrador que, inclusive, dedica todo o capítulo seguinte à reflexão sobre a validade e as inconsistências da teoria da evolução:

“Sem exageração posso afirmar que passei, acororado ou sentado no chão, largos trechos do dia, acompanhando com viva atenção todas aquelas cenas de perfídia e morticínio, e esperando, com pachorra igual à do interessado, que alguma incauta criaturinha viesse figurar nesse incidente dramático, ainda que minúsculo, da natureza.”⁵

O aspecto diminuto de tais atitudes narradas ganha uma dimensão grandiosa se se admite a possibilidade de lhe atribuir um alcance representativo: o estado larvar do inseto, provisório e transitório portanto, se assemelha ao estado em que se encontra o país nesse momento histórico de transição para a modernidade, de que a guerra representa uma fase. O que os distingue, no entanto, é a eficiência, de um lado, e a incompetência, de outro, nas soluções projetadas para a sobrevivência ao estado *larvar*. Cabe lembrar, contudo, que o *momento da experiência de contemplação e admiração* pelo trabalho do inseto é aquele em que há *ainda*, para o escritor, a expectativa de sucesso do exército brasileiro, como instituição virtualmente capacitada para construir e manter uma imagem de nacionalidade fundada em valores como defesa da pátria e heroísmo. E que o *momento do relato da experiência* (1893), juntamente com a frustração diante dos fatos imediatamente anteriores da história brasileira, pelos quais o exército foi grandemente responsável, é aquele em que esses valores passam a ter uma nova dimensão. E que, diante disso, a leitura do *formica leo* é determinada por contingências históricas diferenciadas e relativas a um Brasil anterior (*o do momento da experiência*) e a outro posterior à guerra (*o do momento do relato*). Desse contraponto fundado na oposição *eficiência natural vs. incompetência militar*, criam-se então projeções alegóricas do país em que, num momento anterior, o inseto seria tido como

³ *Idem, ibidem*, p. 202.

⁴ *Idem, ibidem*, pp. 205-8.

⁵ *Idem, ibidem*, p. 203.

exemplo-a-ser-seguido, e no posterior, como crítica nostálgica ao próprio andamento da história.

A segunda imagem, a do caleidoscópio colossal, chamo de *imagem de volta*, já que ela surge no momento da volta da viagem, quando Taunay é encarregado de seguir na frente da coluna, ou do que restou dela, para levar as notícias à corte. No livro *Memórias*, a impossibilidade de parar para observar aparece sob a forma de um lamento:

“De tanto interesse teria sido contemplar de perto, examinar, ver todos aqueles aspectos da serra com pausa e vagar, tirando de muitos pontos cuidadosos desenhos ou, quando não, os contornos e perfis mais grandiosos e pitorescamente originais de suas linhas; mas era-me pouco o tempo para caminhar, caminhar!

Tudo passava ante o meu olhar embelezado rápida e fugazmente como que num colossal caleidoscópio, e cada perspectiva nova, cada singularidade inesperada mais me aumentava o pesar de não poder parar um pouco, pelo menos.”⁶

A sucessão rápida e cambiante de impressões ilustrada pela imagem do caleidoscópio colossal, que produz um número infinito de combinações de imagens de cores variegadas, não corresponde aos propósitos tradicionais de fixação do olhar para a observação e a contemplação, e a conseqüente reprodução romântica da natureza. A composição se depara com a velocidade e lamenta a impossibilidade de perseguir a trilha dos tradicionais viajantes que, contrariamente a ele, tinham tempo e condições para descrever uma natureza que se deixava apreender pelo olhar com contornos mais nítidos e menos cambiantes. Se o caleidoscópio é o pequeno instrumento cilíndrico, em cujo fundo há fragmentos móveis de vidro colorido, os quais, ao se refletirem sobre um jogo de espelhos angulares dispostos longitudinalmente, produzem um número infinito de combinações de imagens de cores variegadas, ele pôde, aos olhos de Taunay, ser a imagem tida da natureza na sucessão rápida e cambiante que agora ele passa a ter dela, ou seja, nesta representação do olhar construída pelo ato de ver.

O *formica-leo* e o caleidoscópio colossal são, pois, e essencialmente, imagens de oposição, construídas por Taunay a partir de uma perspectiva histórico-projetiva que se frustra ao ter que encarar o que não gostaria de ver. Se na primeira delas, a minuciosidade quase estática da composição institui traços reveladores do olhar simultaneamente extático e frustrado do soldado em conflito com a formulação “conveniente” de uma imagem de Brasil que se queria pródiga em eficiência técnica, na outra, a composição se depara com a velocidade e simula o ato de ver pela distorção do visto, lamentando nostálgicamente a impossibilidade de reviver as condições dos viajantes expedicionários.

Assim, se antes da escritura das *Memórias* (por volta de 1893), ou mesmo antes da Proclamação da República, Taunay ainda tinha motivos para ilusões em relação à nação brasileira - e essas ilusões têm a ver em última análise com o seu monarquismo arraigado, com os seus projetos enquanto senador do Império, em suma, com a sua

⁶ *Idem, ibidem*, p. 374.

sempre profunda (mas também sempre polêmica...) integração às instituições, depois disso, todas as turbulências por que passou a nação são vistas sob uma nova perspectiva, a que tem na decisão de auto-marginalização sua marca mais evidente.

O projeto de construção de uma nacionalidade que correspondesse aos anseios oficiais do momento histórico vivido por Taunay se depara, por outro lado, com imagens de ruínas que de certa forma põem em causa o projeto. A atitude de construção de imagens a partir da natureza virgem, ainda não tocada, convive e colide com a que constata os vestígios de projetos nacionais grandiosos que, por não terem vingado, deixam perceber os seus traços no que é abandonado e esquecido pela memória oficial. *A Retirada da Laguna* representa o momento que funda e revela esse olhar em direção às ruínas de uma história em construção. Mas, também no livro *A cidade do ouro e das ruínas*, pode constatar essa mirada que percorre o interior da nação em construção-mas-já-em-ruína, e que procura reconstruir histórias a partir da evidência dos seus vestígios.

Taunay produziu discursos a respeito de inúmeros temas, em vários momentos e circunstâncias de sua vida. Quando assume o cargo de orador oficial do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o escritor já havia por várias vezes monopolizado a atenção de públicos que nem sempre ouviram o que queriam.

Há um discurso, pronunciado em 31 de janeiro de 1882 na Câmara dos Deputados, que merece ser analisado por se dar, contrariamente a muitos outros, em situação de oposição - o que propicia a Taunay condições mais amplas de ataque ao adversário. Trata-se da questão da anulação do diploma de um deputado do partido conservador - o Sr. Mafra, como consta do parecer da comissão de inquérito nomeada para apurar acusações de irregularidades na sua eleição. Taunay analisa e questiona este resultado, alegando que a comissão teria adulterado os cálculos para prejudicar o deputado.

“O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - Sr. Presidente, começo agradecendo a V. Ex. a proteção que hoje nos concedeu com generosidade, inspirando-se nos verdadeiros sentimentos que devem presidir a todos os atos partidos da cadeira da presidência da câmara.

Assim pôs V. Ex. barreira às intenções bem manifestas de se furtrar à discussão e à discussão mais ampla e larga possível...

O Sr. ZAMA : - Não havia tal intenção; protesto em nome da comissão e da câmara.

O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - ... o presente parecer, o qual suscita, senhores, grandes dúvidas no espírito dos que o lerem e traz em sua conclusão o assinalamento de uma gravíssima injustiça.”⁷

Uma primeira observação diz respeito à profunda ironia com que Taunay reveste toda a sua intervenção. Da primeira observação que faz, pode-se inferir que a atitude do presidente da câmara, ao permitir a discussão, é algo que, apesar de óbvio, não se dá com frequência, mas se deu naquele dia - “a *proteção* que *hoje* nos concedeu *com generosidade*”. Aí já se tem, sob a aparência de um elogio, uma crítica velada e

⁷ TAUNAY, Visconde de - *Sobre a eleição do 2o distrito da Província de Santa Catarina, a 30 de janeiro de 1882* (discurso). Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1882, p. 3.

implícita a esta autoridade, membro do partido adversário. Tem-se também neste trecho a manifestação de uma das saídas encontradas por Taunay diante dos apartes; neste caso, é a indiferença.

“O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - (...) Disse esse notável deputado, o qual vai assumir a posição de *leader* [*trata-se do Sr. Zama*], que nas questões do teor da que discutimos não julgava simplesmente como juiz, mas muito principalmente como político. Veja V. Ex., Sr. Presidente, em que terreno perigoso colocava ele o seu modo de apreciação: dava justamente de mão à obrigação de restrita imparcialidade que devem ter as comissões de inquérito, para assumir o caráter diametralmente oposto - o caráter da parcialidade.

O Sr. DUQUE-ESTRADA TEIXEIRA : - Apoiado. Foi ele que o disse.

O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - Ele o disse com uma franqueza que provoca até elogios.”⁸

A ironia se estende na análise do discurso do presidente da comissão, que se posiciona de maneira indevida: a partir da analogia que faz entre, de um lado, a condição de juiz e de posicionamento imparcial, e de outro, entre o político e o interessado em obter vantagens políticas, Taunay leva à conclusão de que tal presidente não fez mais do que criar inadvertidamente para si mesmo uma armadilha, ardilosamente explorada por seu adversário discursivo. O resultado é a situação de suspeição em que o presidente é colocado - ele que vai assumir a posição de *leader!*, e a partir de argumentos que ele próprio concede a seu adversário. Além disso, pode-se notar outra alternativa diante do aparte; neste caso, ele lhe é favorável: basta estendê-lo até o limite da ironia.

“O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - Lá vêm as distinções de palavras sinônimas. Isto é um nunca acabar. Não queiramos, Srs., fazer como os gregos da decadência.”⁹

Essa observação de Taunay acerta em cheio na tentativa de calar a voz do outro, na descaracterização das invectivas adversárias: a comparação com a prática grega da retórica decadente desautoriza a voz do outro, ao apontar a sua ineficácia discursiva.

“O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - (...) Ficou pelas discussões, no seio da comissão, exuberantemente demonstrado, que a questão jurídica levantada com toda a habilidade pelo futuro deputado de Santa Catarina, o qual não virá aqui representá-la legitimamente, foi um recurso, uma armadura, de que se revestiu S. Ex., para procurar fazer resvalar o golpe com que o feria o seu competidor (*não apoiados*); foi um escudo de que se serviu para se amparar contra as flechas que lhe despedira o meu nobre amigo.

⁸ *Idem, ibidem*, p. 5.

⁹ *Idem, ibidem*, p. 17.

O Sr. FELÍCIO DOS SANTOS : - V. Ex. está muito indígena.

O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - Considere V. Ex. todas as minhas frases debaixo do ponto de vista que quiser, ou literário ou sociológico, ciência em que se tem adiantado muito, e com toda a razão seguindo o espírito do século. (*Riso*)”¹⁰

Ao propor uma análise dos reais motivos que teriam levado à acusação do deputado, Taunay se vale das imagens metafóricas de algumas armas de proteção e ataque - escudo e flechas, recurso que é prontamente ridicularizado por Felício dos Santos. A reação de Taunay é pronta e a última palavra é sempre dele.

“O Sr. AFFONSO CELSO JÚNIOR dá um aparte.

O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - Se V. Ex. tem muita pressa, pode manifestar a sua paciência. Quanto a mim, tenho a minha disposição até às 4 horas da tarde.”¹¹

Taunay não se abate com as tentativas adversárias de intimidação; ao contrário, ele faz valer os seus direitos discursivos, dentro os quais está a duração do turno da fala.

Um outro recurso é o do apelo de ordem moral à consciência dos membros da comissão; a força das palavras e expressões empregadas em referência à alegada injustiça cometida - “torturas” e “pungentes remorsos” - dá a medida do desvio moral que deve ser reconsiderado:

“O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - “Quem é que pode deixar de acreditar que a consciência da maioria da comissão sofreu verdadeiras torturas?”

(...)

“O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - Veja V. Ex. se não tenho razão, fazendo justiça à comissão de inquérito e acreditando que ela sentiu pungentes remorsos ao ter de torturar, no tribunal do foro íntimo, a consciência e a justiça, a fim de chegar a um resultado meramente político, quando, sobretudo, a mesma comissão dera já pareceres em sentido absolutamente contrário.”¹²

Diante da afirmação de outro adversário, que alega o mesmo espírito de justiça tanto na votação de Taunay quanto na do Sr. Mafra, a resposta negativa do primeiro se vale das condições políticas diferenciadas em que as duas votações de deram: em cada caso, os interesses diferiam, e, portanto, levaram a resultados diversos. No caso atual, a imagem do arraas em situação de perigo representa a situação desesperadora em que o poder de encontra:

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 18.

¹¹ *Idem, ibidem*, p. 19.

¹² *Idem, ibidem*, pp. 20-1.

O Sr. A. de SIQUEIRA :- Votamos no Sr. Mafra com o mesmo espírito de justiça com que votamos em V. Ex.

O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - Peço a V. Ex. que não faça essa injustiça a si mesmo. Havia a necessidade de salvar uma organização que foi anunciada daquelas cadeiras pelo Sr. presidente do conselho e salvou-se. Hoje mesmo se fará a votação. Não amanhã, visto como depois das três horas quase todos os deputados se retiram; isto é cacoete de longa data. Depois daquela hora falam os oradores mais para o país do que para a câmara, cujas bancadas ficam vazias. Estou portanto no meu posto, falando para o país e é para ele que apelo. A causa do Estado teria que sofrer um balanço, uma oscilação muito forte, se a comissão fizesse dar um bom mergulho a um dos que figuram nela de tripulante. O arraes ameaçado fez o possível para não ir à água e agarrou-se à borda com unhas e dentes. (*Riso*).¹³

A discussão sobre os cálculos que levaram à constatação da fraude também é motivo para que Taunay se aproveite de uma armadilha em que o adversário inadvertidamente se coloca. O trecho tem muito graça, principalmente pelo fato de Taunay sugerir que não há mesmo saída: se “Nós aqui somos políticos!”, a suspeição sempre vai acompanhar cada gesto ou palavra, a serem sempre tributados a interesses partidários. Mas sua proposta é a do desvio dessa lógica: depois de confessar sua adesão anterior a ela, sugere a sua superação:

“O Sr. ZAMA : - Mas olhe que chegava ao mesmo resultado.

O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - Não chegava.

O Sr. ZAMA : - Com certeza. Hei de demonstrá-lo.

O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - Então o que se vê é que VV. EExs. queriam chegar a um certo e determinado resultado! (*Riso*) Na verdade era a dedução lógica do princípio estabelecido pelo ilustre deputado pelo 3o distrito do Rio de Janeiro.

O nobre deputado assentou como base de todas as decisões - olhar para as conseqüências!

Estudar antes o terreno em que pisar! Imparcialidade e justiça nestas questões é muito bom, mas façamos as coisas para inglês ver! (*Risadas*) Nós aqui somos políticos!

O Sr. ZAMA : - Não apoiado!

O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - Essa teoria, Sr. presidente, era excelente em outros tempos, e eu mesmo faço uma confissão pública, deixei-me guiar por ela em tempos já idos; mas agora que queremos inaugurar uma nova ordem de coisas, que queremos encaminhar este país por uma estrada larga, desbravada de vícios e incoerências, devemos dar de mão a essas idéias tacanhas, tratando tão somente de reconhecer aqueles que tenham pleno direito de vir sentar-se neste recinto pela real manifestação da vontade popular.

Não é, senhores, com pequenos cálculos, com verdadeiras contas de chegar que a nobre comissão de inquérito há de dar mais prestígio ao atual ministério,

¹³ *Idem, ibidem*, p. 27.

não; acredito que na opinião pública a entrada do ilustrado Sr. Mafra há de ser mais uma razão de descontentamento.

(*Apoiados da oposição*)

UM Sr. DEPUTADO : - É enfraquecimento do ministério.”¹⁴

O último argumento utilizado, já na peroração, se vale de uma proposta de mudança de interlocutor: dada a tendência inevitável à parcialidade por parte dos políticos, e, portanto, a situação de suspeição em que se encontram, o seu apelo se estende a todos os “ouvintes e leitores” do seu discurso:

O Sr. ESCRAGNOLLE TAUNAY : - (...) Mas, senhores, acreditando ter produzido alguma impressão, senão neste recinto, porque a casa deixa-se levar por sentimentos partidários, mas na opinião dos que me ouvirem e lerem, não posso terminar sem fazer uma interrogação:

A 3ª comissão de inquérito, em uma das suas conclusões, manda que seja responsabilizada a junta apuradora que fez uma conta de chegar e não uma conta de somar; - pergunto eu, quem é que responsabilizará a maioria da comissão, quando ela procedeu justamente do mesmo modo, e na procura da justiça e da verdade atendeu de contínuo para esse *desideratum*: fazer uma conta de chegar e não uma conta de somar?

Responda o país! (*Apoiados, não apoiados, muito bem*).¹⁵

Assim, o aprendizado e a execução das regras e estratégias discursivas perfazem um longo caminho de falas mais ou menos entrecortadas, em que a consciência e o exercício da eficiência discursiva é explicitada. Em vários momentos de vários discursos, Taunay acentua sobretudo a associação entre fala e ação, e revela a sua recusa programática da retórica inútil, mencionada, por exemplo, na alusão à decadência grega. O trecho reproduzido abaixo é emblemático dessa concepção revolucionária de discurso, no incitamento à ação que procura ir além da mera ocupação do turno da fala para ser ouvido por um auditório inerte:

“Na quadra melindrosa que atravessa o Brasil [1877], mais do que nunca, acho eu, é de urgência falar, falar em termos de obrar; falar para avisar, e, se possível for, aconselhar; falar para, pelo menos, salvar os impulsos da consciência íntima; obrar por meio de leis vastas, de determinações amplas e expedientes completamente novos.(*apoiados*)”¹⁶

As comédias escritas pelo escritor - *Da mão à boca se perde a sopa* (1874) e *Por um triz coronel!* (1880) - atêm-se ao mesmo momento histórico e procuram fazer a

¹⁴ *Idem, ibidem*, pp. 28-9.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 43.

¹⁶ 1.1.78. TAUNAY, Visconde de - *Sobre o projeto de fixação das forças de terra; sobre os limites de Goiás e Minas Gerais* (discursos). Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos, 1877, p. 18.

crítica de práticas políticas e sócio-econômicas da época. O humor que se vale, por um lado, do desvendamento da hipocrisia interesseira, presente nas conseqüências da oscilação no poder dos partidos políticos do governo Imperial, e, por outro, dos riscos da especulação financeira dos primeiros anos do pós-guerra, encontra nas peças sua manifestação ficcional de crítica impiedosa, que faz lembrar o tom de iconoclastia irreverente de algumas peças de Molière.